

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur* *

QUINTO LIVRO DE CRÓNICAS

Crónicas
1.^a edição

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Revisão filológica de
António Bettencourt



D. QUIXOTE

ÍNDICE

Zezeinha	13
Tudo o que cresce precisa de muito tempo para crescer.....	17
Crónica de muito amor	21
Os frescos	25
O amigo do meu pai	31
Não é meia noite quem quer	35
As mulheres têm fios desligados	39
Crónica com um brinde do autor	43
O sentido da vida.....	47
Tudo o que nos abandona precisa de muito tempo para desaparecer	51
Sem título.....	55
Nação valente e imortal	59
Crónica vagabunda	63
Eduardo Lourenço	67
O vivo e puro amor de que sou feito	71
O medo	75
Uma coisa no peito	79

O grito	83
O encontro	87
Devemos fazer tudo o mais simplesmente possível mas não mais simplesmente do que isso	91
A noite treme	95
Janeiro.....	99
O que vêem os olhos quando já não podem ver	103
As mãos são as folhas dos gestos	107
Aqueles que andam por aí	111
Croniquinha	115
Crónica do chinês	119
Crónica inventada	123
As biografias.....	127
Quem te deu licença de morrer?	131
Assuntos a tratar depois de ter morrido.....	135
Cartilha maternal	139
Saudades da vida	143
O senhor Águas	147
Os caminhos do Senhor.....	151
O casamento	155
Crónica de amor.....	159
Quando se é novo é para toda a vida	163
O mundo como vontade e representação	167
A Austrália	171
O milagre	175
Cada caso é um caso	181
Somos unha com carne ou não somos?	185
Orações soburdinadas	189
Crónica do cálice de bagaço	193
Cri cri cri foguete.....	197
O vestuário dos pássaros	201
Domingo entre Limoges e a Beira Alta	205

Que é do seu carro, pai?	209
Fantasia em dó menor	213
Crónica do domingo de manhã	217
Uma dor por aí	221
A dona Olga e eu	225
Pedro	229
O miúdo	233
Inverno	237
A minha colecção de momentos	241
O cabo ferrador	245
Romances negros, noites claras	249
Trabalho-casa	253
Crónica da rapariga à chuva	257
De l'amour	261
À noite os sons	265
O gatuno	269
A mais alta solidão	273
Crepúsculos	277
Nada de especial	281
Morto cobrido de amor	285
Tomar	289
Deste profundo abismo, Senhor	293
Bom dia	297
Ó pastorinha de vitral e bruma	301
A chamada	305
Uma crónica ou lá o que é	309
O baloiço	313
Vacilantes rostos do passado	317
Amorzade	321
Estação de serviço	325
Ó flor pensa com a raiz	329
Dança o cão, dança o gato, dança o feijão carrapato	333

Crónica sei lá sobre quê	337
Crónica com um sorriso no fim	341
Descompostura ao meu amigo lá de cima	345
Sem sofrimento nem dor	349
Domingo com Verdi	353
O almoço	357



ZEZINHA

Hoje, vinte e um de junho, é o dia dos anos da minha filha mais velha e sempre, neste dia, volto a sentir a alegria e a raiva que foram as minhas filhas, não no dia vinte e um mas quando, quase uma semana depois, chegou pelo rádio, letra a letra, a notícia do seu nascimento e me afastei das barracas em que vivíamos até ao arame farpado, sem palavras, sem lágrimas, tonto, a acender dois cigarros ao mesmo tempo e a olhar os milhafres lá em cima, gulosos dos pintos do soba. A minha indignação e o meu amor eram tão grandes quanto as matas e chanas do Chiúme e para ali fiquei, com um cigarro em cada mão, no espaço entre sentinelas, acororado no muro do abrigo. Um outro oficial aproximou-se sem dizer nada e acororou-se ao meu lado. E dentro de nós, sem precisão de falar, a mesma pergunta sempre, obsessiva, desesperada, quase infantil

– Porquê?

enquanto a tropa catanguesa voltava de uma canalhice qualquer nos gritos do costume

– Uhuru

e um milhafre remava para o alto com um pinto nas unhas, escalando, um a um, os degraus de que o ar é feito. Nós, os catangueses e sessenta angolanos ali presos, mais as ruínas da casa do chefe de posto (não existia nenhum chefe de posto, fugiram à guerra)

no capim, a terra vermelha, o que, no cacimbo, nem rio era e onde às vezes, de noite, umas luzes, que os morteiros não alcançavam, iam pulsando, misteriosas e vagas, do MPLA, de fantasmas, sei lá de quê.

– Tens dois cigarros acesos

disse o outro oficial, não apaguei nenhum e o sujeito calou-se. Eu gostava dele porque chegava sempre da mata com uma fúria muda, com o pelotão atrás, exausto, e deitava-se na cama com um livro sem conseguir ler. Não se queixava de não conseguir ler, percebia-se apenas que não conseguia ler, a atravessar as páginas com a vista. Como seria a minha filha? De que cor eram os seus cabelos, os seus olhos? Acocorado no muro do abrigo, nos barrotes e nos sacos de areia, ia seguindo os milhafres. Cães infelizes, magríssimos, enrodilhados acolá. E uma solidão como não voltei a ter.

Apetecia-me que o dia dos teus anos, filha, fosse feliz para mim e não é: são barracas de pranchas, catangueses de lenço vermelho ao pescoço

(falo das orelhas nos frascos?)

miséria

(não falo das orelhas nos frascos)

e dois cigarros acesos que se vão consumindo sem que os leve à boca. És tu que sonhei meses depois, a dormir numa alcova: a tua mãe queria chamar-te Maria, exigi num berro, por carta, que fosses Maria José, o meu nome preferido e que tu detestas, e ao encontrarmo-nos, pela primeira vez, já eras Maria José, eras Zezinha e não me ligavas um pito. Loira com olhos claros, eu a espreitar-te de banda a inventar parecenças e não achei uma para amostra, que desilusão. E depois fui-me embora de novo, para o Chiúme: lá estavam os cães magríssimos, lá estavam os catangas e as luzes no rio, lá estava o mesmo

– Porquê?

desesperado. A casa do chefe de posto que uma bazuca rebentou. E fui-me tornando cada vez mais violento.

Hoje é o dia vinte e um de junho, que apenas uma semana depois o rádio me informou ser importante para nós: claro que não acendo dois cigarros nem há muro de abrigo onde acocorar-me. Fico na cadeira a escrever isto e o voo dos milhafres treme em qualquer ponto da minha memória. Que terá acontecido aos milhafres, aos pintos, ao soba a que ninguém obedecia? Que me terá acontecido a mim, esse tipo de camuflado a indignar-se? Só de pensar na tua alcofa vibra ele como uma folha, coitado, nem se atreve a tocar-te, tem medo de te magoar, palerma. Lá vai na coluna em direcção à mata, lá está hoje com o pote de esferográficas à frente e um relógio sempre em pé que não marca a hora certa, a escrever. Há ocasiões em que o relógio não marca hora nenhuma, outras em que se lembra de repente

– Sou um relógio

e mete no mostrador uns números impossíveis. Por exemplo agora, que é manhã, jura que vinte e três e onze. Outras ocasiões vem-lhe à ideia a data

– Deixa-me cá anunciar a data

e sugere um mês ao calhas. Como este, junho, na intenção de me obrigar a acocorar-me no muro do abrigo. Ou talvez sem intenção, sou injusto, desculpa relógio. Deu-mo um delegado de informação médica, faz propaganda a um antidepressivo, toco-lhe com a pontinha do dedo e fica séculos a dançar na bola cromada da base. Por esquisito que pareça é uma companhia. Se tu nascesses agora estou em crer que me avisava

– Tens dois cigarros acesos

e permanecia comigo a observar a parede na qual, a pouco e pouco, umas luzinhas de chana se acendem.



TUDO O QUE CRESCE PRECISA DE MUITO TEMPO PARA CRESCER

E começo a ter o livro. Quer dizer, sinto-me pronto a escutar as vozes que guiam a mão, já consegui despir-me interiormente de tudo o que não é ele, respiro palavras, como palavras, deito-me com palavras, acordo com palavras, os murmúrios interiores não cessam, vou começar. É apenas disso que necessito para começar: não ter mais nada dentro a não ser a obra e o que existe à minha volta se esbater até deixar de existir. Julgo que, por fora, não se nota, tenho a certeza que, por fora, não se nota. E o que vem até mim ou entra no livro ou é rejeitado. Cheguei de França, tenho de ir a Espanha e mal volte de Espanha principio. Ao fim de dois ou três meses o material torna-se sólido, ou antes um núcleo sólido a que se vão acrescentando filamentos, cicios, murmúrios, pedacinhos de coisas, parágrafos, afinal inúteis, que se desprendem, permanecem um momento a vogarem, somem-se, um após outro, além das fronteiras que me limitam. Ou não bem limitam, me cercam e mudam, porque o país que sou se altera, encolhe, cresce, anexa estranhas regiões desconhecidas, cujo idioma tento entender a pouco e pouco. Meu Deus, existem dúzias

de línguas diferentes cá dentro, para as quais vou construindo uma gramática, de início rudimentar e depois progressivamente mais complexa. Quem não inventa uma língua junta linhas, não escreve.

Acabo de chegar de Espanha nem há uma hora sequer, comi com alguns dos escritores de que mais gosto, Juan Marsé, Ana María Moix, o grande crítico Ignacio Echevarría. Juan e Ignacio acabaram agora cada qual o seu trabalho: um belíssimo romance chamado Caligrafia dos Sonhos e uma antologia de textos de Rafael Sánchez Ferlosio, na minha opinião a melhor mão viva de Espanha, julgo que nunca traduzido em Portugal

(porquê?)

que deu a mais perfeita definição de um escritor ao referir-se à primeira

(acho que primeira)

mulher, a também escritora Carmen Martín Gaité:

– Carmen é uma viúva que tem o morto em casa.

Acabo de chegar de Espanha

(Sánchez Ferlosio é inclassificável)

revejo os poucos apontamentos que juntei para o livro e decido: vou iniciar isto no dia 25 de fevereiro, em homenagem ao aniversário de um amigo muito querido. Vai ser um texto longo, apetece-me segregar um texto longo com a mulher que me apareceu e anda cheiinha de vontade de começar a abrir a boca. Conserva-a fechada até ao dia vinte e cinco se fazes favor. No caso de a pessoa que está sentada no escuro à minha espera consentir, publica-se lá para o fim de 2013. Carmen é uma viúva que tem o morto em casa. Anita Moix está com um romance. Andam todos a trabalhar menos eu. As traduções não param de me chegar a casa. E eu sem fazer nada, raios partam, adianto estas crónicas para ter espaço, mas as crónicas são um galope diferente, que me seca a cadência do livro e me atrapalha o ritmo. O segredo de escrever é ser estrábico, ter um olho na bola e outro nos jogadores. Em miúdo espantava-me que os olhos dos lagartos

fossem independentes um do outro, mas quando comecei nesta vida descobri-me lagarto numa pedra, à coca, muito quietinho, rodando as pupilas para sítios diferentes, guloso da mosca de uma frase. Descobri também que o passado é a coisa mais imprevisível do mundo, não pára de se transformar. Lá vêm os mortos, diferentíssimos

– Olá, rapaz, que tal ficamos assim?

e eu a demorar a reconhecê-los, surpreendido, a escutar

– Sou este, sou aquele

a olhar melhor, a concordar

– De facto

e a ter de passar a existência a limpo para a adaptar àquilo. Terei mesmo o livro, será este? Eu para Juan Marsé

– Será o livro?

ele

– Daqui a dois anos sabes

e daqui a dois anos sei, mas daqui a dois anos o que será de mim? Gosto de Barcelona com sol, gosto de falar de bola com os choferes de táxi. Carmen é uma viúva, etc. Jornal atrás de jornal, televisões, conferências, a maneira de as espanholas cruzarem a perna até ficarem parecidas com chamuscas de vela e eu a acertar as pupilas de lagarto para as focar melhor. Não tive tempo para estar com o pintor Albert Cruells que sorri com o corpo todo. E, atrás das casas, escondido, o mar. Tão escondido como o hotel, demasiado à vista, com cujo endereço nunca atino. A fotografia colombiana, arrastando botas de soldado de um exército perdido, que não pára de me tirar retratos. Mostra-me fotografias de escritores, coisa que nunca me interessou

(quero lá saber como são ou eram as caras deles)

e eu a fingir que vejo para não parecer mal educado. E um caderno inteiro com imagens de um romancista que não me agrada por aí além, desde pequeno, nas suas diversas metamorfoses a caminho do insecto perfeito, de óculos escuros e gola para cima, severo, profundo. Encontrei-o em Paris há uns meses, grave e trágico. Acho que nunca o

vi sorrir, sempre a tomar pastilhas, esquisitíssimo. O jardim zoológico dos literatos e afins deixa-me sempre de boca aberta. Com o tempo conheço-os a todos, e aqueles que me interessam são pouquíssimos. Hoje, doze de fevereiro, faltam treze dias para o livro. O que farei até lá? Ler, com ganas de começar logo a corrigir o que leio. Agora, de novo em casa, posso fechar-me outra vez, não ver ninguém, não ter opiniões, não dar respostas, não dizer

– Obrigado

não fingir que me interessa enquanto penso noutra coisa. Apetece-me estar a sós comigo, na minha cadeira, em paz. De vez em quando um morto

– Lembras-te de mim?

e não sei se me lembro de ti. Lembro-me de hoje ter acordado a meio da noite a pensar que era feliz, e de voltar a adormecer agarrado a um brinquedo que não havia. Devo ser feliz porque há sol lá fora. Em havendo sol lá fora não preciso de mais nada. Até os móveis me parecem contentes. Como se acaba esta crónica? É simples: deixa-se tudo em branco a seguir.



CRÓNICA DE MUITO AMOR

O João trouxe-me um Santo António pequenino de Pádua: comoveu-me que se tivesse lembrado de mim. Na minha família não se fala de mariquices mas, de vez em quando, há gestos destes, de ternura escondida, como quem não quer a coisa. Deve-se gostar das pessoas sem lhes mostrar. Deve-se gostar das pessoas sem lhes mostrar? Pelo menos entre nós é assim: não há elogios, não há censuras, raramente há perguntas. Para quê? Há um estar ali que é já tanto. Diz-se sem as palavras e percebe-se que se diz e o que se diz porque o clima, não sei explicar de outra maneira, se torna diferente. Não falamos do que cada um faz: a gente sabe. Do que cada um sente: a gente sabe. Não se fala do sofrimento, não se fala da alegria: a gente conhece. É melhor desta forma. Uma única ocasião o meu pai fez-me uma confidência, sacudiu-a logo com a mão

– Chega de pieguices

e alegrou-me que se penitenciasse por transgredir as regras. Não há efusões, não há gestos e, no entanto, as efusões e os gestos estão lá. Quem souber ver que veja, quem não souber é porque não pertence à tribo. Não há lamentos: porque é que hei-de lamentar a minha sorte,

interrogava o grego. Não há censuras, não há críticas, salvo em ocasiões muito, mas mesmo muito, especiais. O Zé Cardoso percebia isto

– Vocês estão muito ligados

disse-me um dia, e mudou logo de paleio.

– Nenhum escritor gosta de falar do que escreve

afirmava ele. E, realmente, nunca falámos um ao outro do que escrevíamos. Quase todos os dias conversávamos mas não se tocava nesse assunto. Quando muito

– Estás a trabalhar?

e acabou-se. Ou

– Não estou a trabalhar

e acabou-se. Uma tarde telefonou-me

– É para te dar os parabéns porque ganhei um prémio

desviou logo o assunto e isto é o cúmulo da amizade. Foram os parabéns que, até hoje, mais prazer me deram. Até as nossas dedicatórias mútuas eram secas: Para o António do Zé, Para o Zé do António e um rectângulo à volta, a cercar as palavras, a fechá-las lá dentro. O rectângulo, claro, era o mais importante, e o que estava naqueles quatro riscos, meu Deus. Maior elogio mútuo

– Belo livro

maior crítica mútua: silêncio dentro de um soslaio breve. Não, maior elogio

– Posso ser amigo de um médico, de um engenheiro, de um pedreiro. Para ser amigo de um artista tenho que admirá-lo.

Passeávamos de braço dado na rua. Com o meu irmão Pedro, por exemplo, darmos o braço é fazermos chichi juntos, no escuro, junto à cascata do jardim dos meus pais, com um comentário sobre o jacto respectivo. Depois sacudimos os pingos ao mesmo tempo porque a pila não sabe fungar. Então abotoamo-nos e cada um vai para o seu lado, em silêncio. Deve ser difícil as mulheres entenderem isto mas, para os homens, fazer chichi lado a lado, ao ar livre, é sinal de amizade, a olharmos para baixo, cheios de duplos queixos. Tanto che

che che nesta frase. Fazer chichi na rua é um dos meus prazeres, devo ter sido cachorro noutra encarnação. Detesto urinóis, retretes: haverá alguma coisa que se compare à exaltação de mijar contra uma parede? Às vezes, a seguir ao jantar, digo ao Pedro

– Já mijaste?

sabendo que ele estava à minha espera para essa celebração da cumplicidade. Nem que sejam três gotas faz-se um esforço. Vemos as árvores, vemos o muro, não nos vemos um ao outro mas estamos ali. Nem quero pensar na ideia de fazer chichi sozinho. No fim pergunta-se

– Como é que estás?

sabendo que o parceiro se cala. Depois cada um no seu carro, sem mais palavras. Um atrás do outro e, a certa altura, separamo-nos, com um sentimentozito de despedida que custa. Quer dizer não custa assim tanto, custa um bocadinho e passa. Eu vou fazer redacções, ele vai fazer não sei o quê: pouco importa. Importa que durante uns momentos estivemos juntos. Agora interrompi esta crónica porque fui lá dentro espreitar o Santo António antes de lhe pôr o ponto final. Que pena um ponto final ser tão pequenino.

